

Filipéia e outras saudades: imagens líricas e nostálgicas da Paraíba

Flávia LOPES¹

Resumo

A Crônica é um gênero híbrido e por isso se encontra entre Jornalismo e Literatura. Na Paraíba, há vários cronistas de destaque, como o jornalista Gonzaga Rodrigues. Este artigo procura mostrar as imagens poéticas e nostálgicas de João Pessoa e da Paraíba presentes na obra de Gonzaga Rodrigues, em específico nas Crônicas do livro *Filipéia e outras saudades*, obra que trata da vida cotidiana.

Palavras-chaves: Crônica. Jornalismo. Literatura.

Abstract

The Chronicle is a hybrid genre between Journalism and Literature. In Paraíba, there are several prominent chroniclers, as the journalist Gonzaga Rodrigues. This article seeks to show the poetic and nostalgic images of Joao Pessoa and Paraiba present in the work of Gonzaga Rodrigues, in particular in the book *Crônicas do livro Filipéia e outras saudades*, work that deals with everyday life.

Keywords: Chronicle. Journalism. Literature.

Introdução

Na Paraíba, não é raro encontrar Crônicas em cadernos de cultura, política e de opiniões em periódicos. Um dos grandes expoentes do estado é o jornalista e cronista paraibano Gonzaga Rodrigues. Nascido em Alagoa Nova, veio para João Pessoa para concluir seus estudos. Na escola, não chegou a terminar o antigo ensino ginásial, mas queria ser escritor. Gonzaga é cronista desde que se iniciou na carreira jornalística. Atualmente é colunista do Jornal da Paraíba.

Em seus textos publicados, ele relata acontecimentos do cotidiano do povo

¹ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela UFPB. E-mail: flavia1lopes@yahoo.com

nordestino com um misto de política, história e literatura através de Crônicas. O objetivo desta pesquisa é analisar as imagens nostálgicas e líricas da Paraíba construída por Gonzaga Rodrigues, destacando características textuais, literárias e jornalísticas das Crônicas do jornalista paraibano sob a ótica do Jornalismo Literário. Serão analisados textos do livro *Filipéia e outras saudades*, publicado em 1997, que trata da vida cotidiana em João Pessoa e de outras cidades. O cronista apresenta duas características marcantes nessa obra: a nostalgia e o lirismo. E são essas duas instâncias os principais pontos deste trabalho.

Gonzaga Rodrigues é um jornalista de grande importância para a imprensa paraibana. Colaborou com o Jornal A União, O Norte e foi um dos fundadores do Jornal Correio da Paraíba. Começou a assinar como cronista em 1954, passando a lançar vários livros. Em consequência disso, o jornalista e escritor assumiu a cadeira de nº 37 da Academia Paraibana de Letras, em 27 de agosto de 1993.

Em seus escritos, Rodrigues mescla aspectos literários com características jornalísticas, atribuindo aos textos nuances políticas, sociais, culturais, históricas, geográficas entre outros. Tudo com um tom lírico, que, através da poesia em prosa, exala a nostalgia do passado. Em seus textos, o leitor sente-se temporalmente situado, pois suas Crônicas fazem menção a várias épocas. A leitura é uma caminhada pela Paraíba. Uma descoberta de ruas e bairros de João Pessoa e uma fotografia descrita de outras cidades, costumes e pessoas paraibanos.

Analisar as Crônicas do livro *Filipéia e outras saudades* de Gonzaga Rodrigues é analisar a Paraíba e sua capital, poeticamente. Estudar as Crônicas de Rodrigues sob a perspectiva do Jornalismo Literário, considerando as estruturas narrativas dos textos, elencando características híbridas entre Jornalismo e Literatura, é destrinchar uma forma jornalística de um dos grandes expoentes do Jornalismo paraibano. Entender as Crônicas de Gonzaga Rodrigues é entender a Paraíba. Rodrigues se enquadra nos requisitos de perenidade do Jornalismo Literário e por isso a relevância de se estudar sua obra. É um livro que influencia o imaginário paraibano.

1 Imagens líricas e nostálgicas em *Filipéia e outras saudades*

1.1 Aspectos históricos da Paraíba nas Crônicas de *Filipéia*

Muitas das Crônicas do livro *Filipéia e outras saudades* elucidam aspectos

históricos da Paraíba, tratando desde temas do Brasil Colônia, da conquista da Paraíba, passando por épocas de governantes da antiga república até aspectos sócio culturais e políticos da atualidade. Com isso, Gonzaga recupera um pouco do primeiro tipo de Crônica, a Crônica histórica.

A Crônica é um gênero narrativo que tem, desde seu surgimento, o conceito atrelado à concepção de temporalidade, abordando fatos históricos, assuntos triviais do dia-a-dia ou da atualidade. Antônio Candido (1992) comenta os aspectos temporais, ligados ao cotidiano, da Crônica.

Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p.13 e 14)

O gênero é herança europeia e foi publicado em um periódico pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, em Paris. A partir daí, do século XIX, começou a fazer parte dos jornais. Em geral, os textos tratavam de acontecimentos que ocorriam durante a semana e tinham como função informar os fatos, comentando-os. A subjetividade sempre esteve presente em sua composição, por isso a Crônica, pode ser considerada um modo de fabulação real do cotidiano.

Mas, antes de alcançar esse caráter interpretativo e subjetivo dos acontecimentos do tempo, a Crônica era utilizada apenas como um modo de retratar o que se passava. O gênero, herdado pelo Brasil de Portugal, surgiu durante a transição da Idade Média para o Renascimento, durante o Humanismo, no ano de 1418 quando Fernão Lopes foi nomeado como guarda-mor da Torre do Tombo, local que documentava arquivos do reino português. Já em 1434, Fernão Lopes foi nomeado como "cronista-mor do reino", ficando incumbido de registrar os feitos da monarquia de Portugal. Esse tipo de texto era chamado de "caronyca", ou seja, Crônica. (TUZINO, p.4)

“A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista – que já vinha desde a Idade Média - passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria

histórica, matéria que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos ‘cronicões’ medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos. Além de Fernão Lopes – considerado o melhor de todos – outros escritores assumiram a função de cronista-mor do Reino, até que, na altura do século XVI, e já em pleno Renascimento, a Historiografia se afirmasse como gênero definido. A palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos” (BENDER e LAURITO.1993, p. 12 apud TUZINO, p. 4 e 5).

Objetivo em si era a documentação dos fatos. Mas, com Fernão Lopes, no século XIV, o gênero começou a ser tratado como um texto com dimensões estéticas. O vocábulo revestiu-se de sentido literário no século XIX. A difusão do gênero nos periódicos contribuiu para que a Crônica passasse a ser uma "narrativa histórica" muito presente nos jornais impressos. (TUZINO, p.3). Durante essa época, os periódicos tinham textos muitos mais discursivos, carregados de subjetividade. O jornalismo de 1789 a 1830 era caracterizado por ter um conteúdo que debatiam questões políticas, sociais e culturais com um teor mais literário. As redações eram de caráter crítico, argumentativo. Durante essa época, os jornais ficavam sob o comando de escritores, políticos e intelectuais.

Foi com o desenvolvimento da imprensa periódica de opinião que a Crônica se estabeleceu como gênero jornalístico e literário. No início, o texto ocupava uma pequena parte do jornal e tratava das notícias diárias de modo discursivo, depois disso começou a se estender pelas páginas tratando de vários outros tipos de assuntos, como temas políticos, culturais e sociais, por exemplo.

Em *Filipéia e outras saudades*, Gonzaga Rodrigues recupera essa característica histórica, dos antigos moldes da Crônica. Logo no prefácio da obra, o historiador paraibano José Octávio de Arruda Melo qualifica o cronista como historiador social. E justifica:

Duas razões contribuem para a precisão do retrato antropológico e social de uma cidade que este livro encerra. O primeiro reside nas vivências do autor que, rueiro, "nunca passei um dia sem sair de casa". Aí, o cronista. O outro, sua invejável carga de leituras, forrada em biblioteca particular onde não faltam especialistas da Ciência do

Tempo, como Hipolitte Taine, Capistrano de Abreu, Antônio Sérgio, Sérgio de Buarque de Holanda e Adam Schaft. Aí, o historiador (social). (RODRIGUES, 1997, p. 9)

Muito de suas Crônicas apresentam esse caráter histórico da Paraíba. A obra é uma referência ao passado paraibano. São exemplos disso as Crônicas: *Por que Filipéia?*, *Os pecados da Origem*, *O pau da Paraíba*, *Sucessão de cidades*, *A castanhola encalçada*, *No tempo de José Américo*, entre outras Crônicas. É a recorrência ao tempo já findo, a marca nostálgica, que move a poeticidade da visão do cronista.

1.2 *Filipéia e outras saudades*: a Paraíba através de lirismo e nostalgia

É através da saudade, intensificada em melancolia da impossibilidade do retorno do que já passou, que Rodrigues retrata o lirismo de *Filipéia*. Por meio de seu lirismo prosaico, o cronista consegue recriar o passado, incitando o imaginário paraibano, criando imagens de seus próprios sítios de memórias. É "pela imagem poética, que elimina o vazio entre a representação da realidade" (SÁ, 1985, p.52), que ele escreve sua prosa.

Na Crônica *Por que Filipéia?*, o cronista mostra "recorrência saudosa, poética mesmo" (RODRIGUES, 1997, p.11) do topônimo da cidade. Depois de um contexto histórico, em que trata da nomeação da atual capital paraibana, ele faz um questionamento: Por que Filipéia, com todo esse tom nostálgico, se Felipe II por essa cidade nada fez? Gonzaga faz a reflexão do nome e depois recorre às suas lembranças.

E por que essa recorrência de conotação amorosa? Sempre que se pretende um tom de afeto no discurso de louvação ou de saudade, a apelação é para a Filipéia. A prosa poética de Crispim tem uma floresta desses recursos. A poesia de Jomar nem se fala. Eu mesmo, sem nunca ter vivido nesta cidade e muito menos no seu ambiente cultural, saquei em cima da primitiva toponímia num poema de pé quebrado que tentava exprimir o mesmo deslumbramento com a "vila". Digo vila pelo meu campinismo de então, estudando no Pio XI, torcendo pelo 13, vizinho de Pinta Cega e já me iniciando nas Boninas. (RODRIGUES, 1997, p. 12)

Mais adiante, na mesma Crônica, ele se lembra de como esse topônimo saudoso reflete nele. E mais uma vez, nostálgicamente, relata uma lembrança:

Desci na Praça do Pensamento, um largo de sombras frondosas e arquitetura

clássica que me parecia saído do pincel de Pedro Américo, naquela minha hora de chegada, e reinei um poema louvador. Pois não é que, no primeiro jato, apareceu a “Filipéia”? Orlando Tejo, que guarda, por malvadeza, essa minha franqueza, recitou-a outro dia, no café, a Filipéia repontando nos versos primaríssimos. (RODRIGUES, 1997, p. 12)

Em *Sucessão de Cidades*, Rodrigues reflete sobre as mudanças que a urbanização ocasiona em uma cidade. Para cada época há uma cidade diferente. E por isso ele se pergunta “Quantas Parahyba existiram de 1585 até hoje”? (RODRIGUES, 1997, p.18) O texto segue com algumas leituras de épocas em que o eu-lírico viveu, ressaltando a maior vivência e troca de afeto entre as pessoas da cidade. No fim, em constatação saudosista e nostálgica, o cronista lamenta a frieza da atualidade.

Entre a minha chegada e hoje já se passaram duas ou mais cidades. A prova é que, confiando numa carona de Epitácio, tive de tirar a pé até o jornal sem ser reconhecido por um único contemporâneo. O movimento incessante de carros e de pessoas era todo de outros moradores, outra geração, para a qual a gente vai se sentindo fantasma ou, na melhor das hipóteses, trambolho. (RODRIGUES, 1997, p. 20)

Poesia não está na forma, mas na essência de coisas imateriais, como a nostalgia presente na prosa de Rodrigues. Nas Crônicas de *Filipéia e outras saudades*, a poesia tem como função criar um mundo de significação nostálgica. Um mundo perdido nas memórias de uma geração paraibana já passada. A obra é uma odisséia de vivências, que conta em prosa os afetos da falta do cotidiano.

Para poder criar um mundo de significação poética, Gonzaga recupera lembranças e memórias saudosistas, recriando a essência de alguns valores antigos, como a amizade, por exemplo. Caracterizando as relações entre os conhecidos, enquadrando em um bairro típico de João Pessoa, o Tambiá, no texto *Muita casa e pouca fala*, ele comenta um trecho de outra Crônica antiga que falava do *ar familiar* da cidade.

Vejam o que pus num livro de 1978, com letras que escolhi romanas por imaginá-las duradouras: "O que me dá nervura, folha e ramo pessoenses é o ar de família, esse jeito de intimidade doméstica identificado até nos rostos desconhecidos. (...) Nessa cidade os rostos se conhecem". (RODRIGUES, 1997, p. 55)

Mas, o tempo passou. A Crônica “envelheceu”. E o ar de amizade, de essência

conhecida e doméstica se foi. As pessoas "passam, somente". (RODRIGUES, 1997, p.56) E perdido nas lembranças o eu-lírico vê-se a falar só, personificando as lembranças. "Descubro-me sorrindo e gesticulando sozinho. Lembranças de Tambiá falam comigo enquanto aguardo o transporte no abrigo do ônibus." (RODRIGUES, 1997, p.56). Nessa Crônica, a poesia encontra-se do início ao fim e encontra o ápice na personificação de uma instância imaterial: a lembrança. Para o eu-lírico, a memória é tão forte que o passado torna-se visível, algo quase real.

Com o sentido lírico e suas imagens nostálgicas, ele reconstrói espaços, tempos e personagens. Isso acontece, por exemplo, na Crônica *A Bica*. Do fato jornalístico de um cotidiano já passado, uma reforma do parque botânico Arruda Câmara, mais conhecido como Bica, o cronista volta mais um pouco no tempo. No texto, ele recria a imagem do parque como uma paisagem de uma poesia de Augusto dos Anjos.

Foi lá onde aprendi a ler Augusto dos Anjos, não o poeta da morte e da melancolia, como saudou-o a crítica geral, mas o poeta da vida, inimigo inconciliável do verme, do patológico, da morte. Foi ouvindo a Bica, com o livro de Augusto aberto, que vi, ou melhor, que senti "a alma dos vegetais rebentar, inteira, de todos os corpúsculos do pólen". (RODRIGUES, 1997, p. 35)

A Bica reformada é um pretexto para a construção da antiga Bica, o poético parque de suas memórias, "retiro afrodisíaco" das "carências juvenis", "onde a leitura era a companhia mais excitante". (RODRIGUES, 1997, p. 34 e 35)

Para Sá (1985), expandir a própria realidade é ampliar o alcance do real. E é a função poética da linguagem que dá a capacidade para expressar uma ampla significação dos seres e das coisas. É com a poeticidade que o cronista capta o significado das nuances do cotidiano e interpreta-os.

Com seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. (SÁ, 1985, p.11)

Em o *Anátema*, o cronista se perde em devaneios durante uma atividade cotidiana: uma lavagem de carro, dominical. Sentado a frente da Igreja do Carmo, em João Pessoa, "enquanto o garoto dava uma demão d'água no fusca" (RODRIGUES, 1997, p.21), perdeu-se em epifanias. O garoto, assobiando uma música antiga "do

tempo de seus avós, cantada de pai a filho, e agora entoada no bico carente da última geração.” (RODRIGUES, 1997, p.21) lhe chama a atenção. A construção desse personagem, baseada em suposições, faz o eu-lírico pensar as diferenças sociais e as possíveis disparidades econômicas da mesma linhagem.

Fatalmente terá sido isso: de avô a neto, o tempo da música não deve ter transcorrido no âmbito da mesma escala social. Um curtia a “Chiquita Bacana” nos salões, o outro solfeja enquanto lava o carro. O que progrediu na escola do país, erigindo-o à oitava economia do mundo, exportador de armas e aviões, regrediu na escala social, do avô folião aa (Sic.) neto biscateiro. (RODRIGUES, 1997, p. 21 e 22).

Um simples assovio de canção e a paisagem da igreja do Carmo fazem o eu-lírico refletir sobre as mazelas da Paraíba e relembrar lendas urbanas, como a maldição do frei Gabriel, rogada à região.

A modorra ambiente e a completa lassidão do corpo e da mente deixam-me exposto às mais frouxas ideias e sentimentos. Aberto a clichês estocados na memória, como “o progresso não é igual para todos”, ou a maldição de um século e meio atrás, nessa mesma igreja, quando o frei Gabriel, da Ordem de Malta, rogou a praga que surte ainda hoje nas costas da Paraíba: “Esta terra não prosperará enquanto existir lembrança de meu sangue na parede desta igreja”. (RODRIGUES, 1997, p. 22).

Retornando um século e meio no tempo, o cronista explica a maldição:

Na hora do sermão, numa manhã distante de 1825, arremessaram uma pedra na cabeça do frade. A dor foi tão grande que levou o religioso a pôr as mãos para os céus, cair de joelhos e lançar o anátema que ainda hoje repercute. (RODRIGUES, 1997, p. 22).

A poética de Gonzaga Rodrigues tem como protagonista ele mesmo. O eu-lírico é seu próprio personagem social. E mesmo que a Crônica não trate de suas vivências, mas fatos históricos de que ele próprio não participou, sabe-se que quem está declamando a poesia em prosa do cotidiano é ele: Gonzaga Rodrigues. A subjetividade é inerente à poesia, ao lirismo. É através dela que o autor pode caracterizar seu estilo e estética. Até em uma Crônica em que o poeta tem como tema principal a época do governo de José Américo, na Paraíba, o cronista toma sua vivência como ponto de referência para dar partido à narrativa. Logo no primeiro parágrafo de *No tempo de José Américo*, o cronista relembra a mocidade.

O governo de José Américo pegou-me entre os 17 e 21 anos, quando o gosto da vida, para mim, vinha por escrito, sabendo a livro. Entre ir a Pilar pela rodagem, o real por si mesmo, eu preferia ir em Zé Lins, em letra de forma, correndo no texto, que era ver sentindo, vivendo. (RODRIGUES, 1997, p. 61)

A subjetividade latente continua. E mais adiante, o cronista praticamente se descreve. No segundo parágrafo da Crônica é possível notar o homem de amizades, que gostava de se comunicar.

Tomava a Biblioteca Pública, minha principal condução, e saía por aí, sem limite de terra nem de tempo, dando-me a conhecer pessoas, lugares, situações que, por mais longínquos e remotos, tinham de chegar a mim, compor a minha circunstância. (RODRIGUES, 1997, p. 61)

Sua subjetividade é toda lírica, intensificada na forma de nostalgia, de um saudosismo latente de quem viveu o melhor passado, de lembranças tristes, dores, amores, mas tudo necessário. Em *Filipéia e outras saudades*, Gonzaga Rodrigues compartilha a sua alma que, antes de cronista, poeta ou jornalista, é humana. É seu sentimentalismo que demonstra o ser que escreve poesia em forma de Crônicas.

Considerações finais

Dentre os gêneros textuais do Jornalismo Literário, talvez seja a Crônica a forma que mais dá vida ao cotidiano. Nascendo e morrendo a cada dia ela imita a vida, utilizando a Literatura para mostrar as significações da vivência. Nessa hora, torna-se arte. E imita também o Jornalismo, assim como as notícias. Imitando a vida, ela tenta reproduzir o cotidiano em forma de prosa, traçando as nuances do dia-a-dia. Imitando o Jornalismo, ela trata dos assuntos da pauta do dia, da semana, do tempo. Através da Crônica, o leitor informa-se e ao mesmo tempo ganha uma leitura do mundo, variante de acordo com o interpretante do cotidiano: o cronista.

Quando publicada em livro, a Crônica não morre. Pode até envelhecer, mas torna-se perene. Gonzaga Rodrigues tornou sua Crônica duradoura, quando publicou o livro *Filipéia e outras saudades*. A obra é uma reunião de Crônicas com características jornalísticas e literárias. Seus escritos localizam-se entre a subjetividade literária e a suposta objetividade jornalística, ou seja, no campo do Jornalismo Literário.

Nessa obra, Gonzaga Rodrigues proporciona uma extensão da realidade, da sua

realidade paraibana. Sua marca estilística é o lirismo. E através disso o cronista retrata a sua visão de mundo. A visão que tem da Paraíba e de João Pessoa, a saudosa *Filipéia* de sua infância, mocidade e vida. Tudo isso é passado com um tom saudoso, nostálgico. Seus escritos dão a sensação da perda do tempo que não volta. Em muitas de suas Crônicas há a lamentação de que a cidade não exala mais o ar familiar, de amizade bairrista.

Nessa obra de Gonzaga Rodrigues, pôde-se perceber que as imagens poéticas e nostálgicas que retratam a Paraíba são construídas através de recursos jornalísticos e literários. Algumas de suas Crônicas são breves e cotidianas, características herdadas do Jornalismo. Já em termos literários o cronista apresenta uma construção mais aprofundada dos personagens sociais, figuras de linguagens e, principalmente, o lirismo, sua marca estilística. Tudo isso aliado é que faz o leitor se transportar para um imaginário paraibano.

Através desse estudo, pôde-se destrinchar um pouco do plano imaginativo da terra nostálgica de Gonzaga Rodrigues, com nuances políticas, sociais, culturais e históricas. Suas Crônicas são uma caminhada pela Paraíba, passando pelas suas cidades e suas pessoas.

Referências

ABBAGNAMO, Nicolo. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007, 5ª ed.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. **Os labirintos do discurso**: expressões literárias da Paraíba. João Pessoa: Gráfica do UNIPÊ, 2005.

_____. **O giz e a letra** (Ética, Jornalismo e Comunicação). João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003.

_____. **A impressão da palavra**: Literatura e jornalismo cultural. João Pessoa: Idéia, 1993.

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do Morro da Marta. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética**: na viradado milênio: busca do sentido da vida. Coordenado por Maria Luiza Marcilio e Ernesto Lopes Ramos. 2ª Edição, São Paulo: LTR, 1999.

BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antônio. Ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORREIO DAS ARTES. Paraíba: União, nº 4, jun. 2013.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Editora Distribuidora de Livros Escolares Ltda., vol.3, 1967.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e jornalismo: Uma cartografia dos valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. (Coleção ensaios transversais)

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993. - (Coleção Primeiros Passos)

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NUNES, José. **Gonzaga Rodrigues: uma vida bem escrita**. Paraíba: Editora A União, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil**. Salvador: Calandra, 2004.

RODRIGUES, Gonzaga. **Filipéia e outras saudades**. João Pessoa: A União Editora, 1997.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ed. Ática, 1985. Col. Princípios.

SCLIAR, Moacyr. **Histórias que os jornais não contam**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.